

O Livro de Urântia

<< [Documento 100](#) | [Partes](#) | [Índice](#) | [Documento 102](#) >>

Documento 101

A Verdadeira Natureza da Religião

101:0.1 (1104.1) A RELIGIÃO, enquanto experiência humana, estende-se desde a escravidão ao medo primitivo, no selvagem em evolução, até a liberdade sublime e magnífica da fé, naqueles mortais civilizados que se acham esplendidamente conscientes da sua filiação ao Deus eterno.

101:0.2 (1104.2) A religião é ancestral da moral superior e das éticas avançadas, na evolução social progressiva. Contudo, a religião, como tal, não é meramente um movimento moral, embora as suas manifestações exteriores e sociais sejam fortemente influenciadas pelas forças do momento ético e moral da sociedade humana. A religiosidade é sempre inspiração da natureza do homem que evolui, mas não é o segredo dessa evolução.

101:0.3 (1104.3) A religiosidade, a convicção-fé da personalidade, pode sempre triunfar sobre a lógica superficialmente contraditória do desespero que nasce na mente material incrédula. Há realmente uma

voz interior verdadeira e genuína, aquela “luz verdadeira que ilumina todos os homens que vêm ao mundo”. E esse guiamento do espírito é diferente da conclamação ética da consciência humana. O sentimento de segurança religiosa é mais do que um sentimento emocional. A segurança na religião transcende à razão da mente, e mesmo à lógica da filosofia. A religiosidade é fé, confiança e segurança.

1. A Verdadeira Religião

101:1.1 (1104.4) A verdadeira religião não é um sistema de crença filosófica que possa ser deduzido pela razão, nem consubstanciado por provas naturais, nem é uma experiência fantástica e mística de sentimentos indescritíveis de êxtase a serem desfrutados apenas pelos devotos românticos do misticismo. A religiosidade não é produto da razão, mas, quando vista do seu interior, ela é plenamente racional. A religião não se deriva da lógica da filosofia humana, mas, como uma experiência mortal, é plenamente lógica. A religião é a experiência da divindade efetuada pela consciência de um ser moral de origem evolucionária; representa a verdadeira experiência com as realidades eternas no tempo, como uma realização de satisfações espirituais enquanto ainda na carne.

101:1.2 (1104.5) Os Ajustadores do Pensamento não têm nenhum mecanismo especial por meio do qual ganhar auto-expressão; não há

nenhum atributo religioso-místico que proporcione a recepção ou a expressão das emoções religiosas. Tais experiências tornam-se disponíveis por meio do mecanismo de dotação natural da mente mortal. E isso representa uma explicação para a dificuldade que o Ajustador tem de entrar em comunicação direta com a mente material da sua residência constante.

101:1.3 (1104.6) O espírito divino faz contato com o homem mortal, não por meio de sentimentos ou emoções, mas sim no domínio do pensamento mais elevado e mais espiritualizado. São os vossos *pensamentos*, não os vossos sentimentos, que vos conduzem a Deus. A natureza divina pode ser percebida apenas com os olhos da mente. No entanto, a mente que realmente discerne Deus, que escuta o Ajustador residente, é a mente pura. “Sem consagrar-se, nenhum homem pode ver o Senhor.” Toda a comunhão interior e espiritual é denominada discernimento espiritual. Tais experiências religiosas resultam da impressão feita na mente do homem por meio das atuações combinadas do Ajustador e do Espírito da Verdade, funcionando entre e sobre as idéias, os ideais, sobre a visão interior e os esforços espirituais dos filhos de Deus em evolução.

101:1.4 (1105.1) A religiosidade vive e prospera, assim, não por meio da visão, nem do sentimento, mas antes por meio da fé e do discernimento interior. Não consiste na descoberta de fatos novos, nem naquilo que se encontra por meio de uma experiência única, mas antes na descoberta de *significados* novos e espirituais nos fatos já bem conhecidos da humanidade. A mais elevada experiência religiosa não depende de ações anteriores de crença, tradição e

autoridade; nem é, a religiosidade, filha de sentimentos sublimes e de emoções puramente místicas. É, antes, uma experiência profunda e factual de comunhão espiritual, com as influências do espírito residente dentro da mente humana e, na medida que essa experiência seja definível em termos de psicologia, é simplesmente a experiência de vivenciar a realidade de crer em Deus, como a grande realidade desse evento puramente pessoal.

101:1.5 (1105.2) Conquanto a religião não seja produto de especulações racionalistas de uma cosmologia material, ela é, entretanto, a criação de um discernimento interior totalmente racional que se origina na experiência da mente do homem. A religiosidade não nasce de meditações místicas, nem de contemplações isoladas, ainda que seja mais ou menos misteriosa e sempre indefinível e inexplicável, em termos da razão puramente intelectual ou da lógica filosófica. Os germes da religiosidade verdadeira têm sua origem no âmbito da consciência moral do homem e são revelados no crescimento do discernimento interior espiritual do homem: aquela faculdade da personalidade humana que se torna acrescida em consequência da presença do Ajustador e que revela Deus à mente mortal sedenta Dele.

101:1.6 (1105.3) A fé une o discernimento moral à discriminação conscienciosa dos valores, e o sentido do dever evolucionário preexistente dá complemento à origem da verdadeira religiosidade. A experiência da religião, finalmente, resulta em uma consciência firme de Deus e em uma segurança inquestionável da sobrevivência da personalidade que acredita.

101:1.7 (1105.4) Assim, pode-se perceber que as aspirações religiosas e os impulsos espirituais não são de uma natureza tal que levaria meramente os homens a *querer* crer em Deus, mas, antes, são de uma natureza e um poder tais que os homens tornam-se profundamente pressionados pela convicção de que *devem* acreditar em Deus. O sentido do dever evolucionário e as obrigações conseqüentes da iluminação pela revelação causam uma impressão tão profunda sobre a natureza moral do homem, que finalmente ele alcança a posição de mente e a atitude de alma por meio das quais ele conclui que *não tem direito de não acreditar em Deus*. A sabedoria mais elevada e suprafilosófica dos indivíduos esclarecidos e disciplinados instrui-os, em última análise, que duvidar de Deus ou não confiar na Sua bondade seria uma prova de infidelidade para com a coisa *mais real e mais profunda* dentro da mente e da alma humana — o Ajustador divino.

2. A Religião como um Fato

101:2.1 (1105.5) A realidade da religiosidade consiste inteiramente na experiência religiosa de seres humanos racionais e comuns. E é nesse sentido, unicamente, que a religião poderia ser considerada como científica ou mesmo psicológica. A prova de que a revelação é revelação, é esse mesmo fato na experiência humana: o fato de que a revelação sintetiza as ciências da natureza, aparentemente divergentes, bem como sintetiza a teologia da religião numa filosofia,

consistente e lógica, do universo, uma explicação coordenada e contínua da ciência e da religiosidade, criando, assim, uma harmonia de mente e uma satisfação de espírito que respondem, na experiência humana, àqueles questionamentos da mente mortal a qual almeja saber *como* o Infinito opera a sua vontade e os seus planos na matéria, com as mentes e dentro do espírito.

101:2.2 (1106.1) A razão é o método da ciência; a fé o método da religião; a lógica é a técnica com que a filosofia tenta lidar. A revelação compensa a ausência do ponto de vista moroncial, fornecendo uma técnica para alcançar a unidade na compreensão da realidade e relações entre a matéria e o espírito, pela mediação da mente. E a verdadeira revelação jamais afasta a ciência da natureza, nem a religião da razão ou a filosofia da lógica.

101:2.3 (1106.2) A razão, por meio do estudo da ciência, pode levar-nos da natureza a uma Primeira Causa, mas requer uma fé religiosa para transformar a Causa Primeira da ciência em um Deus de salvação; e a revelação é ainda requerida para validar tal fé e tal discernimento espiritual interior.

101:2.4 (1106.3) Há duas razões básicas para crer em um Deus que fomenta a sobrevivência humana:

101:2.5 (1106.4) 1. A experiência humana e a certeza pessoal; a esperança e a confiança, de algum modo iniciadas e, de algum modo, registradas pelo Ajustador residente.

101:2.6 (1106.5) 2. A revelação da verdade, seja pela ministração direta pessoal do Espírito da Verdade, na auto-outorga a este mundo feita

pelos Filhos divinos; seja por meio das revelações em palavra escrita.

101:2.7 (1106.6) A ciência completa a sua busca por meio da razão com a hipótese de uma Causa Primeira. A religião não pára no seu vôo de fé, até estar segura de um Deus de salvação. O estudo discriminado da ciência sugere logicamente a realidade e a existência de um Absoluto. A religião acredita sem reservas na existência e na realidade de um Deus que fomenta a sobrevivência da personalidade. Aquilo que a metafísica deixa totalmente de fazer, e aquilo em que até mesmo a filosofia parcialmente fracassa, a revelação faz; isto é, afirma que essa Primeira Causa da ciência e o Deus da Salvação da religião são *uma Deidade e a mesma Deidade*.

101:2.8 (1106.7) A razão é a prova da ciência, a fé, a prova da religião, a lógica, a prova da filosofia, mas a revelação é validada apenas pela *experiência* humana. A ciência gera conhecimento; a religião gera felicidade; a filosofia gera a unidade; a revelação confirma a harmonia experiencial dessa abordagem trina da realidade universal.

101:2.9 (1106.8) A contemplação da natureza apenas pode revelar um Deus de natureza, um Deus de movimento. A natureza expõe apenas matéria, movimento e animação — a vida. Matéria mais energia, sob certas condições, são manifestadas em formas vivas, todavia, embora a vida natural seja assim relativamente contínua enquanto fenômeno, é totalmente transitória no que diz respeito às individualidades. A natureza não provê uma base para a crença lógica na sobrevivência da personalidade humana. O homem

religioso que encontra Deus na natureza, já havia encontrado, antes, este mesmo Deus pessoal na sua própria alma.

101:2.10 (1106.9) A fé revela Deus na alma. A revelação, a substituta do discernimento moroncial interior num mundo evolucionário, capacita o homem a ver na natureza o mesmo Deus que, por meio da fé, se manifesta na sua alma. Assim, a revelação faz com êxito uma ponte, atravessando o abismo entre o material e o espiritual e, mesmo, entre a criatura e o Criador, entre o homem e Deus.

101:2.11 (1107.1) A contemplação da natureza conduz logicamente a um guiamento interior inteligente, e mesmo até uma orientação vivencial, mas, de nenhum modo satisfatório, ela revela um Deus pessoal. A natureza, por outro lado, também não demonstra nada que impeça o universo de ser considerado como uma obra do mesmo Deus da religião. Deus não pode ser encontrado somente por meio da natureza, mas o fato de que o homem O haja encontrado de outro modo torna o estudo da natureza integralmente consistente com uma interpretação mais elevada e espiritual do universo.

101:2.12 (1107.2) A revelação, enquanto fenômeno para uma época, é periódica; como experiência humana pessoal, é contínua. A divindade opera na personalidade mortal como dádiva do Ajustador do Pai, como o Espírito da Verdade do Filho e como o Espírito Santo do Espírito do Universo, pois esses três dons supramortais estão unificados na evolução experiencial humana como uma ministração vinda do Supremo.

101:2.13 (1107.3) A verdadeira religiosidade é um vislumbrar da realidade, é filha da fé dentro da consciência moral, e não um assentimento

meramente intelectual dado à corporificação de uma doutrina dogmática qualquer. A verdadeira religião consiste na experiência de que “o Espírito, ele próprio, dá o testemunho, junto ao nosso espírito, de que somos nós próprios filhos de Deus”. A religião não consiste em proposições teológicas, mas no discernimento espiritual interior e na sublimidade da confiança da alma.

101:2.14 (1107.4) A natureza mais profunda dentro de vós — o Ajustador divino — cria no vosso interior a fome e sede de retidão, um certo anseio pela perfeição divina. A religiosidade é o ato de fé no reconhecimento desse impulso interno de realização divina; e assim nascem a confiança e a segurança de alma, as quais vós reconhecereis como o caminho da salvação, a técnica de sobrevivência da personalidade e de todos aqueles valores que viestes a considerar verdadeiros e bons.

101:2.15 (1107.5) O entendimento pela religiosidade nunca tem sido e nunca será dependente de um grande aprendizado, nem de uma lógica hábil. Ele é discernimento espiritual, e essa é exatamente a razão pela qual alguns dos maiores educadores religiosos do mundo e os profetas, mesmo, algumas vezes, possuíram tão pouco da sabedoria do mundo. A fé religiosa está disponível tanto para os instruídos como para os ignorantes.

101:2.16 (1107.6) A religiosidade deve ser sempre a sua própria crítica e juíza, não pode nunca ser observada, e muito menos compreendida pelo lado de fora. A vossa segurança num Deus pessoal consiste no vosso próprio discernimento quanto à vossa crença nas coisas espirituais, e na vossa experiência delas. Para todos os vossos

companheiros que tiveram uma experiência semelhante, nenhuma argumentação sobre a personalidade ou a realidade de Deus se faz necessária, ao passo que, para todos os outros homens que não estão assim tão seguros de Deus, nenhuma argumentação possível poderia jamais ser de fato convincente.

101:2.17 (1107.7) A psicologia pode de fato tentar estudar o fenômeno das reações religiosas ao ambiente social, mas não pode jamais esperar penetrar os motivos reais e interiores, nem o que a religião opera. Apenas a teologia, domínio da fé e da técnica da revelação, pode proporcionar qualquer espécie inteligente de explicação quanto à natureza e conteúdo da experiência religiosa.

3. As Características da Religião

101:3.1 (1107.8) A religião é tão vital que sobrevive, ainda que na ausência de instrução. Vive a despeito da contaminação que possa ter de cosmologias equivocadas e filosofias falsas; sobrevive mesmo à confusão da metafísica. Durante todas as vicissitudes históricas da religião, persiste sempre o que é indispensável ao progresso e à sobrevivência humana: o conhecimento da ética e a consciência prática da moral.

101:3.2 (1108.1) O discernimento da fé, ou intuição espiritual, é o dom da mente cósmica associado ao trabalho do Ajustador do Pensamento, o qual é uma dádiva do Pai ao homem. A razão espiritual, a inteligência da alma, é dom do Espírito Santo, dádiva do Espírito

Materno Criativo ao homem. A filosofia espiritual, a sabedoria das realidades espirituais, é dom do Espírito da Verdade, a dádiva combinada dos Filhos auto-outorgados aos filhos dos homens. E a coordenação e interassociação desses dons de espírito formam, no interior do homem, uma personalidade espiritual dotada de um destino potencial.

101:3.3 (1108.2) É essa mesma personalidade espiritual, sob a sua forma primitiva e embrionária na posse do Ajustador, que sobrevive à morte natural na carne. E essa entidade composta de origem espiritual, em conjunção com a experiência humana, por intermédio da forma de vida provida pelos Filhos divinos, fica capacitada a sobreviver (conservada pelo Ajustador) à dissolução do eu material e mental, quando essa sociedade transitória, do material e do espiritual, for rompida com a cessação do movimento vital.

101:3.4 (1108.3) Por meio da fé religiosa, é que a alma do homem revela a si própria e, do modo característico pelo qual ela induz a personalidade mortal a reagir a certas situações de provação e testes intelectuais e sociais, é que tal alma demonstra a divindade potencial da sua natureza emergente. A fé espiritual genuína (a consciência moral autêntica) é revelada por aquilo que:

101:3.5 (1108.4) 1. Faz a ética e a moral progredirem, a despeito de tendências animais inerentes e adversas.

101:3.6 (1108.5) 2. Produz uma sublime confiança na bondade de Deus, mesmo em face do desapontamento amargo ou derrotas esmagadoras.

101:3.7 (1108.6) 3. Gera profunda coragem e confiança, a despeito de adversidades naturais e de calamidades físicas.

101:3.8 (1108.7) 4. Demonstra equilíbrio e compostura inexplicáveis, a despeito mesmo de doenças desconcertantes e de um sofrimento físico agudo.

101:3.9 (1108.8) 5. Mantém um misterioso equilíbrio e a integridade da personalidade, em face de maus-tratos e da mais flagrante injustiça.

101:3.10 (1108.9) 6. Mantém uma confiança divina na vitória última, a despeito das crueldades de um destino aparentemente cego e da indiferença aparentemente total das forças naturais para com o bem-estar humano.

101:3.11 (1108.10) 7. Persiste inquebrantável na crença em Deus, apesar de todas as demonstrações em contrário da lógica, e resiste com êxito a todos os outros sofismas intelectuais.

101:3.12 (1108.11) 8. Continua a demonstrar uma fé destemida na sobrevivência da alma, apesar dos ensinamentos enganosos da falsa ciência e da ilusão persuasiva das filosofias insanas.

101:3.13 (1108.12) 9. Vive e triunfa independentemente da sobrecarga esmagadora de civilizações tornadas complexas e tendenciosas nos tempos modernos.

101:3.14 (1108.13) 10. Contribui para a sobrevivência contínua do altruísmo, a despeito do egoísmo humano, dos antagonismos sociais, da ganância da indústria e dos desajustes políticos.

101:3.15 (1108.14) 11. Adere com firmeza a uma crença sublime na unidade do universo e no guiamento divino, sem preocupações quanto à presença perturbadora do mal e do pecado.

101:3.16 (1108.15) 12. Continua adorando a Deus a despeito de tudo e todos. Ousa declarar: “Ainda que Ele me mate, ainda assim servirei a Ele”.

101:3.17 (1108.16) Sabemos, pois, por intermédio de três fenômenos, que o homem tem um espírito divino, ou espíritos, residindo dentro dele: primeiro, pela experiência pessoal — a fé religiosa — ; segundo, pela revelação — pessoal e racial — ; e terceiro, pela demonstração surpreendente das reações extraordinárias, e não inatas, ao meio ambiente material, conforme ilustram as doze atuações de cunho espiritual, em face das situações de provação na vida real, as quais acabamos de citar. E ainda há outras.

101:3.18 (1109.1) E é precisamente essa atuação vital e vigorosa da fé, no domínio da religião, que autoriza o homem mortal a afirmar a posse pessoal e a existência na realidade espiritual daquele dom que coroa a natureza humana: a experiência religiosa.

4. As Limitações da Revelação

101:4.1 (1109.2) Pelo fato de o vosso mundo geralmente ser ignorante das origens, e mesmo das origens físicas, pareceu sábio, de tempos em tempos, prover instrução sobre a cosmologia; mas isso sempre gera problemas no futuro. As leis da revelação impedem-nos grandemente, pela proscrição que fazem sobre transmitir conhecimento ainda imerecido ou prematuro. Qualquer cosmologia

apresentada como uma parte da religião revelada destina-se a ser ultrapassada num tempo muito curto. Em consequência, os estudantes futuros dessa revelação serão tentados a descartar quaisquer elementos de verdade religiosa genuína que possa conter, porque descobrem erros nas cosmologias apresentadas conseqüentemente neles.

101:4.2 (1109.3) A humanidade deveria compreender que nós, em nossa participação na revelação da verdade, ficamos rigorosamente limitados pelas instruções dos nossos superiores. Não temos liberdade de antecipar as descobertas científicas para daqui a mil anos. Os reveladores devem agir de acordo com as instruções que formam uma parte do mandado da revelação. Nós não vemos como superar essa dificuldade, agora ou em qualquer tempo futuro. Sabemos perfeitamente que, embora os fatos históricos e as verdades religiosas da presente série de apresentações reveladoras fiquem nos registros das idades que virão, dentro de uns poucos curtos anos, muitas das nossas afirmações a respeito das ciências físicas estarão necessitando de revisão, em consequência de novos desenvolvimentos científicos e de novas descobertas. Esses novos desenvolvimentos, desde agora, nós os prevemos, mas estamos proibidos de incluir, nos registros reveladores, esses fatos não descobertos pela humanidade. Que fique claro que as revelações não são necessariamente inspiradas. A cosmologia nessas revelações *não é inspirada*. Ela é limitada pela permissão que temos de coordenação e de triagem do conhecimento de hoje. Conquanto o discernimento

divino ou espiritual seja uma dádiva, a *sabedoria humana deve evoluir*.

101:4.3 (1109.4) A verdade é sempre uma revelação: é uma auto-revelação, quando surge como resultado do trabalho do Ajustador residente; é uma revelação para uma época, ou epocal, quando apresentada pelo trabalho de alguma outra agência celeste: um grupo ou personalidade.

101:4.4 (1109.5) Em última análise, a religião deve ser julgada pelos seus frutos, segundo a extensão e modo por meio dos quais demonstra a sua excelência inerente e divina.

101:4.5 (1109.6) A verdade não pode ser senão relativamente inspirada, se bem que a revelação seja invariavelmente um fenômeno espiritual. Embora as afirmações que se referem à cosmologia nunca sejam inspiradas, tais revelações são de um valor imenso, ao menos transitoriamente, tornando os conhecimentos claros, pois elas:

101:4.6 (1109.7) 1. Reduzem a confusão, por meio de uma eliminação do erro, com autoridade.

101:4.7 (1109.8) 2. Fazem a coordenação dos fatos e observações que são conhecidos ou que estão para ser conhecidos.

101:4.8 (1110.1) 3. Restauram partes importantes do conhecimento perdido a respeito de acontecimentos de uma época num passado distante.

101:4.9 (1110.2) 4. Fornecem a informação que preencherá lacunas vitais no conhecimento adquirido de outro modo.

101:4.10 (1110.3) 5. Apresentam dados cósmicos, de modo a iluminar os ensinamentos espirituais contidos na revelação que os acompanha.

5. A Religião Expandida pela Revelação

101:5.1 (1110.4) A revelação é uma técnica por meio da qual idades e mais idades de tempo são poupadas no trabalho necessário ao exame de localizar e corrigir os erros cometidos na evolução das verdades adquiridas pelo espírito.

101:5.2 (1110.5) A ciência lida com os *fatos*; a religião ocupa-se apenas dos *valores*. Por intermédio da filosofia esclarecida, a mente esforça-se para unir os significados dos fatos e dos valores, chegando, assim, a um conceito da *realidade* completa. Lembrai-vos de que a ciência é o domínio do conhecimento, a filosofia, o reino da sabedoria, e a religião, a esfera da experiência pela fé. A religião, entretanto, apresenta duas fases de manifestação:

101:5.3 (1110.6) 1. A religião evolucionária. É a experiência da adoração primitiva, a religião que se deriva da mente.

101:5.4 (1110.7) 2. A religião revelada. É uma atitude do universo a qual se deriva do espírito; é a convicção e a crença na conservação das realidades eternas, a sobrevivência da personalidade e a realização de alcançar, afinal, a Deidade cósmica, cujo propósito tornou tudo isso possível. É parte do plano do universo que, mais cedo ou mais

tarde, a religião evolucionária esteja destinada a receber uma expansão espiritual por meio da revelação.

101:5.5 (1110.8) Tanto a ciência quanto a religião começam por assumir certas bases, geralmente aceitas, para deduções lógicas. Assim, também a filosofia começa a sua carreira assumindo a realidade de três coisas:

101:5.6 (1110.9) 1. O corpo material.

101:5.7 (1110.10) 2. A fase supramaterial do ser humano, a alma, ou mesmo o espírito residente.

101:5.8 (1110.11) 3. A mente humana, o mecanismo de intercomunicação e de interassociação entre o espírito e a matéria, entre o material e o espiritual.

101:5.9 (1110.12) Os cientistas reúnem os fatos, os filósofos coordenam as idéias, enquanto os profetas exaltam os ideais. O sentimento e a emoção acompanham invariavelmente a religião, mas eles não são religião. A religião pode ser o sentimento da experiência, mas dificilmente é a experiência de sentimentos. Nem a lógica (a racionalização), nem a emoção (o sentimento) fazem, essencialmente, parte da experiência religiosa, se bem que ambas possam estar associadas, de um modo variável, ao exercício da fé para fazer o discernimento espiritual progredir, tornando-se realidade, tudo de acordo com o alcance da mente individual e das tendências do temperamento dessa mente.

101:5.10 (1110.13) A religião evolucionária é a exteriorização do dom do ajudante da mente, do universo local, encarregado de criar e

fomentar a tendência à adoração no homem evolucionário. As religiões primitivas estão diretamente interessadas na ética e na moral, no senso humano do *dever*. Tais religiões estão fundadas na segurança da consciência e resultam na estabilização de civilizações relativamente éticas.

101:5.11 (1111.1) As religiões pessoalmente reveladas são promovidas pelos espíritos de outorga, que representam as três pessoas da Trindade do Paraíso e se ocupam especialmente da expansão da *verdade*. A religião evolucionária faz o indivíduo lembrar-se da idéia do dever pessoal; a religião revelada dá ênfase crescente ao amor, à regra de ouro.

101:5.12 (1111.2) A religião que evoluiu repousa integralmente na fé. A revelação provê a segurança suplementar da sua apresentação expandida das verdades da divindade e da realidade, e dá um testemunho de valor ainda maior sobre a experiência factual que se acumula em conseqüência da união prática eficiente entre a fé vinda da evolução e a verdade vinda da revelação. Essa união eficiente, entre fé humana e verdade divina, constitui a posse de um caráter bastante bem encaminhado no sentido de adquirir realmente uma personalidade moroncial.

101:5.13 (1111.3) A religião evolucionária apenas proporciona a segurança da fé e a confirmação da consciência; a religião reveladora provê a segurança da fé mais a verdade de uma experiência viva nas realidades da revelação. O terceiro passo na religião, ou uma terceira fase da experiência na religião, tem a ver com o estado moroncial, com uma conquista mais firme dentro da mota. No curso da

progressão moroncial crescente, as verdades da religião revelada são expandidas; mais e mais, sabereis sobre a verdade dos valores supremos, da bondade divina, das relações universais, das realidades eternas e dos destinos últimos.

101:5.14 (1111.4) Durante a progressão moroncial, cada vez mais a certeza da verdade substitui a certeza da fé. Quando fordes integrados finalmente ao mundo real do espírito, então, a certeza do puro discernimento espiritual irá funcionar no lugar da fé e da verdade, ou, antes, operará em conjunção com elas, sobrepondo-se a essas técnicas anteriores no provimento da certeza à personalidade.

6. A Experiência Religiosa Progressiva

101:6.1 (1111.5) A fase moroncial da religião revelada tem a ver com a *experiência da sobrevivência*, e o seu grande anseio é alcançar a perfeição espiritual. Nela está também presente o impulso mais elevado da adoração, associado a um impulso forte, chamando para um serviço cada vez mais ético. O discernimento da visão moroncial interna facilita uma consciência sempre em expansão do Sétuplo, do Supremo e, mesmo, do Último.

101:6.2 (1111.6) Ao longo de toda a experiência religiosa, desde a sua mais tenra insipiência, no nível material, até a época do alcance de realização, de status espiritual pleno, o Ajustador é o segredo da compreensão pessoal da realidade da existência do Supremo; e esse mesmo Ajustador também mantém os segredos da vossa fé na

realização transcendental do Último. A personalidade experiencial do homem, em evolução, atuando unida ao Ajustador, cuja essência é a de ser um Deus existencial, constitui a culminação na realização do potencial da existência suprema e constitui inerentemente uma base para uma factualização suprafinita da personalidade transcendental.

101:6.3 (1111.7) A vontade moral abrange decisões baseadas no conhecimento racional ampliado pela sabedoria e sancionado pela fé religiosa. Essas escolhas são atos de natureza moral e evidenciam a existência da personalidade moral, precursora da personalidade moroncial e, afinal, do status espiritual verdadeiro.

101:6.4 (1111.8) O conhecimento do tipo evolucionário não é senão uma acumulação de material protoplásmico da memória; sendo a mais primitiva forma de consciência da criatura. A sabedoria abrange as idéias formuladas da memória protoplásmica, em processo de associação e recombinação, e tais fenômenos diferenciam a mente humana da mente meramente animal. Os animais têm conhecimento, mas apenas o homem possui capacidade de sabedoria. A verdade é tornada acessível ao indivíduo dotado de sabedoria, por meio da outorga, feita à sua mente, do espírito do Pai e o dos Filhos, o Ajustador do Pensamento e o Espírito da Verdade.

101:6.5 (1112.1) Cristo Michael quando auto-outorgado em Urântia viveu sob o âmbito de uma religião evolucionária, até a época do seu batismo. Daquele momento em diante, inclusive no evento da sua crucificação, ele levou adiante o seu trabalho, sob o guiamento combinado da religião evolucionária e da religião revelada. A partir

da manhã da sua ressurreição até a sua ascensão, ele passou por múltiplas fases da vida moroncial, desde a transição mortal do mundo da matéria até o mundo do espírito. Depois da sua ascensão, Michael tornou-se o mestre da experiência da Supremacia, a compreensão do Supremo; e, sendo a única pessoa em Nébadon a possuir a capacidade ilimitada de experienciar a realidade do Supremo, imediatamente atingiu o status da soberania na supremacia do seu universo local, neste e para este universo.

101:6.6 (1112.2) Para o homem, a fusão final e a unificação resultante com o Ajustador residente — a síntese da personalidade de homem e essência de Deus — fazem dele, em potencial, uma parte viva do Supremo e asseguram a esse ser, que certa vez foi um mortal, o direito de nascimento eterno de busca sem fim da finalidade do serviço no universo, para e com o Supremo.

101:6.7 (1112.3) A revelação ensina ao homem mortal que, para começar essa magnífica e intrigante aventura no espaço, por intermédio da progressão no tempo, ele deveria começar pela organização do conhecimento em idéias-decisões; para, em seguida, comandar à sabedoria que trabalhe incansavelmente na sua nobre tarefa de transformar as idéias pessoais próprias em ideais cada vez mais efetivos e práticos, mas não menos supernos, até mesmo naqueles conceitos que, sendo tão razoáveis como idéias e tão lógicos enquanto ideais, o Ajustador ousa combiná-los e espiritualizá-los, tornando-os disponíveis para essa associação na mente finita que fará deles um complemento humano factual, pronto para a ação do Espírito da Verdade dos Filhos, que são as manifestações no espaço-

tempo da verdade do Paraíso — a verdade universal. A coordenação das idéias-decisões, dos ideais lógicos à verdade divina constitui a posse de um caráter reto, que é o pré-requisito para a admissão do mortal nas realidades sempre em expansão e crescentemente espirituais dos mundos moronciais.

101:6.8 (1112.4) Os ensinamentos de Jesus constituíram a primeira religião urantiana a abranger modo total uma coordenação harmoniosa de conhecimento, sabedoria, fé, verdade e amor, e, tão completa e simultaneamente, a ponto de proporcionar tranquilidade temporal, certeza intelectual, esclarecimento moral, estabilidade filosófica, sensibilidade ética, consciência de Deus e certeza positiva da sobrevivência pessoal. A fé de Jesus apontou o caminho para a finalidade da salvação humana, para a ultimidade da realização mortal no universo, pois ela assegurou:

101:6.9 (1112.5) 1. A salvação das algemas materiais, pela realização da filiação a Deus, que é espírito.

101:6.10 (1112.6) 2. A salvação da escravidão intelectual; levando o homem a conhecer a verdade, esta verdade o libertará.

101:6.11 (1112.7) 3. A salvação da cegueira espiritual, a realização humana da fraternidade entre os seres mortais e a consciência moroncial da irmandade de todas as criaturas do universo; o serviço-descoberta da realidade espiritual e do ministério-revelação da bondade dos valores espirituais.

101:6.12 (1113.1) 4. A salvação da incompletude do eu, por meio de um alcance abrangente dos níveis espirituais no universo, e da realização final da harmonia de Havona e perfeição do Paraíso.

101:6.13 (1113.2) 5. A salvação do confinamento egoísta, a liberação das limitações da autoconsciência, por meio do alcance dos níveis cósmicos da mente do Supremo e pela coordenação com as realizações de todos os outros seres autoconscientes.

101:6.14 (1113.3) 6. A salvação e a liberação do tempo, a realização de uma vida eterna de progressão infundável no reconhecimento de Deus e no serviço de Deus.

101:6.15 (1113.4) 7. A salvação da finitude, por meio da unidade perfeita com a Deidade no e por intermédio do Supremo, por meio do qual a criatura intenta a descoberta transcendental do Último, nos níveis pós-finalitores do absonito.

101:6.16 (1113.5) Essa salvação sétupla é equivalente à realização completa e perfeita da experiência em ultimidade com o Pai Universal. E tudo isso, em potencial, está contido na realidade da fé da experiência humana na religião. E pode estar assim contida, posto que a fé de Jesus foi nutrida por realidades até mesmo além do Último, e foi reveladora delas; a fé de Jesus aproximou-se do status de um absoluto no universo, na medida em que a manifestação deste seja possível num cosmo em evolução no tempo e no espaço.

101:6.17 (1113.6) Por meio da apropriação da fé de Jesus, o homem mortal pode antecipar, no tempo, o gosto das realidades da eternidade. Jesus fez a descoberta, na sua experiência humana, do Pai Final, e os seus irmãos na carne, em vida mortal, podem segui-lo ao longo dessa mesma experiência de descoberta do Pai. Eles podem mesmo alcançar, sendo o que são, a mesma satisfação, nessa experiência com o Pai, que Jesus alcançou, sendo o que foi. Novos potenciais factualizaram-se no universo de Nébadon em consequência da auto-outorga final de Michael; e um destes é a iluminação renovada do caminho de eternidade que conduz ao Pai de tudo, o qual pode ser percorrido até pelos mortais de carne e sangue material, ainda na vida inicial nos planetas do espaço. Jesus foi e é o novo caminho vivo, por meio do qual o homem pode alcançar a herança divina que o Pai decretou que fosse dele, apenas ele assim o pedisse. Com Jesus ficam abundantemente demonstrados os começos e os fins da experiência de fé da humanidade, e mesmo da humanidade divina.

7. Uma Filosofia Pessoal da Religião

101:7.1 (1113.7) Uma idéia é apenas um plano teórico para a ação, ao passo que uma decisão positiva é um plano de ação confirmado. Um estereótipo é um plano de ação aceito sem a validação. Os materiais dos quais se pode fazer uma filosofia pessoal da religião são derivados tanto da experiência interior quanto da experiência do indivíduo com o ambiente. O status social, condições econômicas,

oportunidades educacionais, inclinações morais, influências institucionais, desenvolvimentos políticos, tendências raciais e ensinamentos religiosos do tempo e ambiência tornam-se fatores na formulação de uma filosofia pessoal da religião. Mesmo o temperamento inerente e a inclinação intelectual determinam, de um modo marcante, o modelo de filosofia religiosa. A vocação, o casamento e as afinidades, todos influenciam na evolução dos padrões pessoais de vida.

101:7.2 (1113.8) Uma filosofia da religião evolui de um crescimento básico nas idéias, somado à vivência experiencial, pois ambos são modificados pela tendência geral de imitar o semelhante. A idoneidade das conclusões filosóficas depende de um pensamento discriminador penetrante, honesto e criterioso, em ligação com a sensibilidade para os significados e a precisão de avaliação. Os covardes morais nunca alcançam os planos elevados do pensamento filosófico; é necessário coragem para ocupar novos níveis de experiência e para intentar a exploração de domínios desconhecidos da vida intelectual.

101:7.3 (1114.1) Em breve novos sistemas de valores vêm à existência; novas formulações de princípios e padrões são feitas; hábitos e ideais são reformulados; uma idéia de um Deus pessoal é alcançada, seguida de conceitos ampliados de relações com ela.

101:7.4 (1114.2) A grande diferença entre uma filosofia religiosa e uma filosofia não-religiosa de vida consiste na natureza e nível dos valores reconhecidos e naquilo que é merecedor da lealdade. Há quatro fases na evolução da filosofia religiosa: tal experiência pode tornar-se

meramente conformada e resignada à submissão à tradição e à autoridade; ou pode dar-se por satisfeita com realizações ligeiras, suficientes apenas para estabilizar a vida diária e, pois, tornar-se logo presa num nível ocasional adventício. Tais mortais abandonam o perfeito, fazendo dele um inimigo do ótimo. Um terceiro grupo progride até o nível da intelectualidade lógica, mas permanece em estagnação, em consequência da escravidão cultural. É verdadeiramente uma pena ver intelectos tão grandes serem mantidos tão solidamente presos pela garra cruel de laços culturais. É igualmente patético observar aqueles que transformam as correntes materialistas de uma ciência, ou de uma falsa ciência, na sua prisão cultural. O quarto nível de filosofia alcança a liberdade de todas as limitações convencionais e tradicionais e ousa pensar, agir e viver honesta, leal, destemida e verdadeiramente.

101:7.5 (1114.3) O teste chave de qualquer filosofia religiosa se dá na sua capacidade de distinguir ou não entre as realidades do mundo material e as do mundo espiritual e, ao mesmo tempo, reconhecer a sua unificação no esforço intelectual a serviço do social. Uma filosofia religiosa sólida não confunde as coisas de Deus com as coisas de César. E também não reconhece o culto estético do maravilhoso puro como um substituto para a religião.

101:7.6 (1114.4) A filosofia transforma aquela religião primitiva, que foi um grande conto de fadas da consciência, numa experiência viva com os valores ascendentes da realidade cósmica.

8. Fé e Crença

101:8.1 (1114.5) A crença terá alcançado o nível da fé quando estiver motivando a vida e moldando o modo de vida. A aceitação de um ensinamento como verdadeiro não é fé; é mais uma crença. Nem certeza ou convicção também não são fé. Um estado mental atinge os níveis da fé apenas quando, de fato, domina o modo de vida. A fé é um atributo vivo de uma experiência pessoal religiosa verdadeira. Acredita-se na verdade, admira-se a beleza e reverencia-se a bondade, mas não se as adora; uma atitude assim de fé salvadora é centrada em Deus apenas, que é tudo isso personificado e infinitamente mais.

101:8.2 (1114.6) A crença é sempre limitante e aprisionadora; a fé é expansiva e libertadora. A crença fixa, a fé liberta. Todavia, a fé religiosa viva é mais do que uma associação de crenças nobres; é mais do que um sistema elevado de filosofia; é uma experiência viva, voltada para os significados espirituais, junto aos ideais divinos e aos valores supremos; é conhecer a Deus e servir aos homens. As crenças podem transformar-se em posses grupais, mas a fé deve ser pessoal. As crenças teológicas podem ser sugeridas a um grupo, mas a fé apenas pode surgir individualmente no coração do religioso.

101:8.3 (1114.7) A fé haverá falsificado a sua confiabilidade ao presumir negar as realidades e conferir aos seus devotos apenas conhecimentos presumidos. A fé é traidora, quando fomenta a traição à integridade intelectual e deprecia a lealdade aos valores

supremos e aos ideais divinos. A fé nunca deixa de lado o dever de resolver os problemas da vida mortal. A fé viva não fomenta o fanatismo, a perseguição ou a intolerância.

101:8.4 (1115.1) A fé não impede a imaginação criativa, nem mantém um preconceito irracional contra as descobertas da investigação científica. A fé revitaliza a religião e obriga o religioso a viver heroicamente a regra de ouro. O zelo da fé está de acordo com o conhecimento, e os seus esforços são o prelúdio de uma paz sublime.

9. Religião e Moralidade

101:9.1 (1115.2) Nenhuma revelação da religião, professada como tal, poderia ser considerada como autêntica, se deixasse de reconhecer as demandas do dever da obrigação ética que foram criadas e fomentadas pela religião evolucionária precedente. A revelação amplia infalivelmente o horizonte ético da religião evoluída e, simultânea e infalivelmente, expande as obrigações morais de todas as revelações anteriores.

101:9.2 (1115.3) Quando presumirdes fazer um julgamento crítico da religião primitiva do homem (ou sobre a religião do homem primitivo), devíeis lembrar-vos de julgar tais selvagens e de avaliar a sua experiência religiosa de acordo com o seu esclarecimento e o seu estado de consciência. Não cometais o erro de julgar a religião de alguém segundo os vossos próprios padrões de conhecimento e de verdade.

101:9.3 (1115.4) A verdadeira religião é aquela convicção sublime e profunda que, de dentro da alma, aconselha ao homem, de um modo irresistível, que seria errado para ele não acreditar naquelas realidades moronciais que constituem os seus conceitos éticos e morais mais elevados, na sua interpretação mais elevada dos maiores valores da vida e das realidades mais profundas do universo. E tal religião é simplesmente a experiência de devotar a lealdade intelectual aos ditames mais elevados da consciência espiritual.

101:9.4 (1115.5) A busca da beleza é uma parte da religião apenas na medida em que é ética e enriquece o conceito da moral. A arte só é religiosa quando se confunde com o propósito derivado da motivação espiritual elevada.

101:9.5 (1115.6) A consciência espiritual esclarecida do homem civilizado não se preocupa tanto com nenhuma crença intelectual específica nem com um modo particular de vida, quanto com a descoberta da verdade da vida, com a técnica boa e correta de reagir às situações sempre recorrentes da existência mortal. A consciência moral é apenas um nome dado ao reconhecimento e à consciência humana daqueles valores éticos e moronciais emergentes, aos quais o dever manda que o homem se conforme, no controle cotidiano e no seu modo de conduta.

101:9.6 (1115.7) Embora reconhecendo que a religião seja imperfeita, existem ao menos duas manifestações práticas da sua natureza e função:

101:9.7 (1115.8) 1. O estímulo espiritual e a pressão filosófica da religião tendem a levar o homem a projetar a sua apreciação dos valores morais diretamente para fora, na direção dos assuntos ligados aos seus semelhantes — a reação ética da religião.

101:9.8 (1115.9) 2. A religião cria, para a mente humana, uma consciência espiritualizada da realidade divina, baseada em conceitos antecedentes de valores morais, derivada deles pela fé e coordenada com conceitos supra-impostos de valores espirituais. A religião, por isso, torna-se um censor dos assuntos mortais, uma forma de crédito moral de confiança glorificada na realidade, nas realidades do tempo realçadas e nas realidades mais duradouras da eternidade

101:9.9 (1116.1) A fé transforma-se na conexão entre a consciência moral e o conceito espiritual da realidade permanente. A religião transforma-se na via pela qual o homem escapa das limitações materiais do mundo temporal e natural, para alcançar as realidades supernas do mundo eterno e espiritual, por meio da técnica da salvação, a transformação moroncial progressiva.

10. A Religião como Libertadora do Homem

101:10.1 (1116.2) O homem inteligente sabe que é um filho da natureza, uma parte do universo material; e também não discerne nenhuma sobrevivência da personalidade individual nos movimentos e nas

tensões de nível matemático do universo da energia. Nem jamais pode o homem discernir a realidade espiritual por meio do exame das causas e dos efeitos físicos.

101:10.2 (1116.3) Um ser humano é consciente também de que ele é uma parte do cosmo ideacional, mas, embora um conceito possa perdurar além do ciclo de uma vida mortal, nada há de inerente ao conceito que indique a sobrevivência pessoal da personalidade que o concebe. Nem o esgotamento de todas as possibilidades da lógica e da razão jamais revelará ao homem lógico, nem ao racionalizador, a verdade eterna da sobrevivência da personalidade.

101:10.3 (1116.4) O nível material da lei assegura a continuidade da causalidade, a interminável reação de efeito à ação antecedente; o nível da mente sugere a perpetuação da continuidade ideacional, o fluxo incessante da potencialidade conceitual das concepções preexistentes. No entanto, nenhum desses níveis, no universo, abre ao mortal buscador uma via escapatória para a parcialidade do seu status e da incerteza intolerável de ser uma realidade transitória no universo, uma personalidade temporal condenada a ser extinta quando da exaustão das limitadas energias vitais.

101:10.4 (1116.5) Apenas pela via moroncial, que conduz ao discernimento espiritual interior, é que o homem pode romper as cadeias inerentes ao seu status de mortal no universo. A energia e a mente podem conduzir de volta ao Paraíso e à Deidade, mas nem o dom da energia nem o dom da mente, dados ao homem, provêm diretamente dessa Deidade do Paraíso. Apenas no sentido espiritual o homem é um filho de Deus. E isso é verdade porque apenas no sentido espiritual é

que o homem é atualmente dotado e residido pelo Pai do Paraíso. A humanidade nunca descobrirá a divindade a não ser por meio da via da experiência religiosa e pelo exercício da verdadeira fé. A aceitação da verdade de Deus, por meio da fé, capacita o homem a escapar dos confins circunscritos das limitações materiais e lhe dá uma esperança racional de obter o salvo-conduto para sair do reino material, onde existe a morte, e entrar no Reino espiritual, onde há a vida eterna.

101:10.5 (1116.6) O propósito da religião não é satisfazer a curiosidade sobre Deus, mas, sim, proporcionar a constância intelectual e a segurança filosófica para estabilizar e enriquecer a vida humana, combinando o mortal com o divino, o parcial com o perfeito; homem e Deus. É por intermédio da experiência religiosa que os conceitos humanos da idealidade tornam-se dotados e plenos de realidade.

101:10.6 (1116.7) Nunca haverá uma prova científica ou lógica da divindade. A razão por si só nunca poderá ratificar os valores e a excelência da experiência religiosa. Todavia, será sempre verdade que qualquer um que se disponha a cumprir a vontade de Deus compreenderá a validade dos valores espirituais. Essa é a melhor abordagem ou aproximação que pode ser realizada, no nível mortal, para oferecer provas da realidade da experiência religiosa. Tal fé proporciona a única saída das garras mecânicas do mundo material e da distorção do erro da incompletude do mundo intelectual; é a única solução descoberta para o impasse gerado no pensamento mortal a respeito da continuidade da sobrevivência da personalidade

individual. É o único passaporte para a realidade completa e para a eternidade da vida em uma criação universal de amor, lei, unidade e alcance progressivo da Deidade.

101:10.7 (1117.1) A religião cura eficazmente o sentido de isolamento idealista do homem, ou de solidão espiritual; ela emancipa o crente como um filho de Deus, um cidadão de um universo novo e significativo. A religião assegura ao homem que, seguindo a luz da retidão que é discernível dentro da sua alma, ele estará assim identificando-se com o plano do Infinito e com o propósito do Eterno. Uma alma liberada desse modo começa imediatamente a sentir-se em casa nesse novo universo, o seu universo.

101:10.8 (1117.2) Após passardes pela experiência de uma tal transformação pela fé, não sereis mais uma parte escravizada do cosmo matemático, sereis mais um independente filho volicional do Pai Universal. Não mais esse filho liberado está lutando sozinho contra a condenação inexorável da terminação na existência temporal; não mais ele combate a toda a natureza, com as possibilidades desesperadamente contra si; não mais ele hesita com um medo paralisante de ter, por acaso, colocado a sua confiança numa quimera sem esperança ou de ter pregado a sua fé no alfinete errado do imaginário.

101:10.9 (1117.3) Agora, sobretudo, os filhos de Deus estão alistados juntos para lutarem na batalha que é o triunfo da realidade sobre as sombras parciais da existência. Afinal, todas as criaturas tornam-se conscientes do fato de que Deus e todas as hostes divinas, de um universo quase sem limites, estão do seu lado na luta superna para

alcançar a eternidade da vida e a divindade de status. Tais filhos, liberados pela fé, certamente se alistaram nas lutas do tempo ao lado das forças supremas e das personalidades divinas da eternidade; até mesmo as estrelas, nos seus cursos, agora, estão na batalha por eles; afinal, eles contemplam o universo de dentro, do ponto de vista de Deus, e, das incertezas de um isolamento material, tudo fica transformado nas certezas da progressão espiritual eterna. E mesmo o tempo não se torna mais do que uma sombra da eternidade, lançada pelas realidades do Paraíso, sobre a panóplia, em movimento, do espaço.

101:10.10 (1117.4) [Apresentado por um Melquisedeque de Nébadon.]